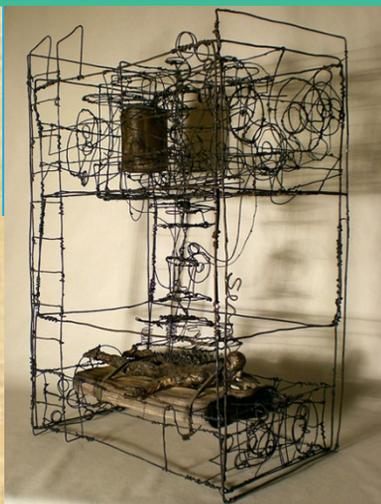


O ATELIÊ DE ESCRITA E AS NARRATIVAS ERRANTES

BOLSISTA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA: GIOVANNI BOMBARDELLI GABE,
GRADUANDO DE PSICOLOGIA NA UFRGS
CATEGORIA: PIBIC/CNPQ/UFRGS
ORIENTADORA: PROF^a TANIA MARA GALLI FONSECA
PERÍODO DE VIGÊNCIA: 2016-2017

INTRODUÇÃO

Todas as quartas-feiras à tarde acontece dentro da Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro um grupo de escrita, com o objetivo de reunir usuários da saúde mental e outros interessados a produzir algum tipo de escrita criativa. A singularidade dos encontros desse Ateliê nos leva a refletir sobre a função do grupo em agenciar uma “língua menor”, revelando fluxos e devires de partículas errantes. Conviver com esse “olhar atelial” nos indica como escutar e potencializar a diferença.



Máquina de “Na Colônia Penal” - Kafka

A PESQUISA DO ARQUIVO E TESTEMUNHO

Este trabalho vincula-se ao projeto de pesquisa “Catalogar para não esquecer” e faz parte do grupo “Corpo, Arte e Clínica” do PPGPSI/UFRGS. Tal projeto toma como campo de análise e intervenção acadêmica a Oficina de Criatividade (OC) do Hospital Psiquiátrico São Pedro (HPSP) de Porto Alegre – RS. Este espaço criado em 1990 a partir dos movimentos da reforma psiquiátrica no Brasil se constitui pela abertura a pacientes, tanto internos quanto externos advindos dos serviços de referência, a estagiários de diferentes áreas de conhecimento e a outros funcionários do hospital com fins de acolher a diferença e promover um espaço de expressão, pela via de materiais de pintura, colagem, bordado ou escrita.



A MÁQUINA ATELIÊ DE ESCRITA

Ao compreender o Ateliê enquanto um agenciamento maquínico, situamos zonas de vizinhanças que se aglomeram em fluxos e devires. Conceitos como Máquina de Guerra, devir molecular e acontecimento, retirados das obras dos filósofos Gilles Deleuze e Felix Guattari, nos servem para apontar uma ótica de desvios, de clinâmen, onde a máquina atelial opera por repetições e diferenças. No limiar do que podemos testemunhar, o devir molecular da escrita poética dispõe de um regime de enunciação aberto à criação, ressignificando o ambiente manicomial. Uma revisão da literatura de Kafka, da gagueira e da língua menor nos aponta uma outra ética para os grupos de escrita com propósito clínico, não por acertos, mas por meio de erros e desvios.